

“ISSO NÃO É VIOLÊNCIA?”: A NATURALIZAÇÃO DA VIOLÊNCIA SIMBÓLICA E RELACIONAL ENTRE HOMENS AUTORES DE VIOLÊNCIA DE GÊNERO EM CARCERE

Natana Crespo dos Santos Machado¹;

¹Universidade Estadual do Norte Fluminense Darci Ribeiro (UENF), Campos dos Goytacazes, RJ. <http://lattes.cnpq.br/7498943261889994>

Ivana Maria Peres Morgado Carvalho²;

²Universidade Estadual do Norte Fluminense Darci Ribeiro (UENF), Campos dos Goytacazes, RJ. <http://lattes.cnpq.br/3404925083796196>

Adriano Barros Rangel³.

³Universidade Estadual do Norte Fluminense Darci Ribeiro (UENF), Campos dos Goytacazes, RJ. <http://lattes.cnpq.br/6545786700602569>

RESUMO: A violência de gênero constitui um fenômeno complexo atravessado por construções históricas, culturais e sociais relacionadas à dominação masculina e à naturalização de práticas de controle e violência nas relações afetivas. Este estudo tem como objetivo relatar uma intervenção grupal realizada com homens privados de liberdade autores de violência doméstica, vinculados à Lei Maria da Penha, em uma unidade prisional masculina do interior do estado do Rio de Janeiro. Trata-se de um relato de experiência de abordagem qualitativa, desenvolvido por meio de uma dinâmica reflexiva conduzida por uma enfermeira e uma assistente social com 13 participantes. A atividade utilizou fios coloridos como representação simbólica dos vínculos sociais e culturais associados ao machismo estrutural e aos padrões de violência aprendidos ao longo da vida. Ao final da dinâmica, os participantes foram convidados a cortar os fios, simbolizando o desejo de romper com comportamentos violentos e padrões patriarcais internalizados. Os resultados evidenciaram reflexões sobre masculinidade, responsabilização afetiva e reprodução intergeracional da violência, demonstrando potencial como estratégia socioeducativa e de promoção da saúde mental no contexto prisional.

PALAVRAS-CHAVE: Violência de gênero. Masculinidade. Sistema prisional.

“ISN’T THIS VIOLENCE?”: THE NATURALIZATION OF SYMBOLIC AND RELATIONAL VIOLENCE AMONG MALE PERPETRATORS OF GENDER-BASED VIOLENCE IN PRISON

ABSTRACT: Gender-based violence is a complex phenomenon shaped by historical, cultural and social constructions related to male domination and the normalization of control and violence in affective relationships. This study aims to report a group intervention conducted with incarcerated men convicted of domestic violence under the Maria da Penha Law in a

male prison unit in the state of Rio de Janeiro, Brazil. This is a qualitative experience report developed through a reflective group activity led by a nurse and a social worker with 13 participants. Colored threads were used as symbolic representations of social and cultural bonds associated with structural machismo and learned patterns of violence. At the end of the activity, participants were invited to cut the threads, symbolizing the desire to break with violent behaviors and internalized patriarchal standards. The results promoted reflections on masculinity, accountability and the intergenerational reproduction of violence, highlighting the potential of educational and mental health promotion strategies within the prison system.

KEYWORDS: Gender violence. Masculinity. Prison system.

INTRODUÇÃO

A violência contra a mulher permanece como um grave problema social e de saúde pública, sustentado por relações históricas de desigualdade de gênero e pela naturalização de práticas de dominação masculina. Em muitos contextos, comportamentos de controle, ciúme excessivo, imposição de autoridade e violência psicológica são socialmente legitimados como expressões esperadas da masculinidade.

As construções sociais relacionadas ao ser homem atravessam gerações, produzindo modos de subjetivação marcados pela repressão emocional, pela necessidade de poder e pela dificuldade de elaboração afetiva. Nesse cenário, muitos homens aprendem desde a infância que masculinidade está associada ao controle, à força e à superioridade sobre o feminino.

Nessa perspectiva, hooks (2025) argumenta que o patriarcado opera como um sistema de dominação institucionalizado, sustentado por crenças e valores socialmente reproduzidos. No contexto prisional, tais questões tornam-se ainda mais relevantes, especialmente entre homens autores de violência doméstica e familiar.

OBJETIVO

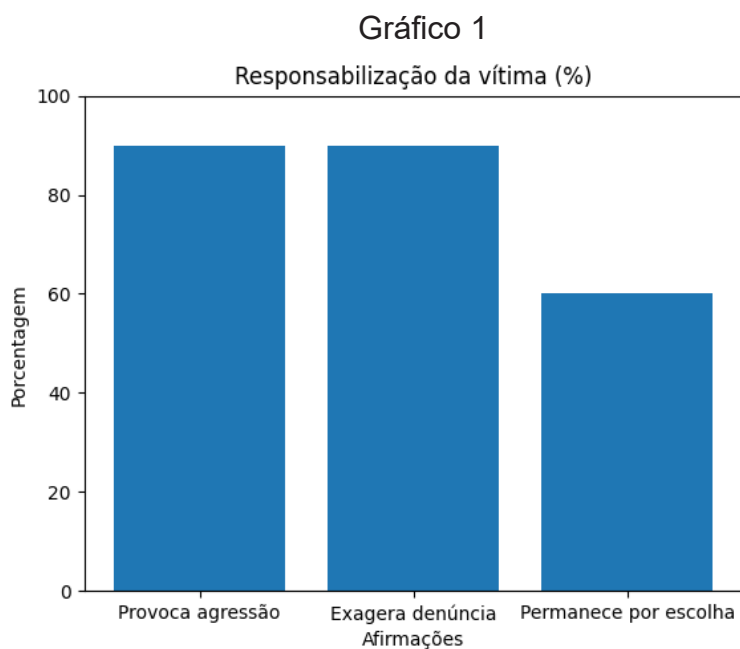
Analisar a naturalização da violência simbólica e a culpabilização da mulher entre homens autores de violência de gênero em contexto prisional.

METODOLOGIA

Trata-se de um estudo de abordagem quantitativa, de caráter descritivo, realizado com 21 homens privados de liberdade em uma unidade prisional da região norte fluminense, autores de violência de gênero.

Foi aplicado um questionário estruturado contendo afirmações relacionadas à responsabilização da mulher e à normalização da violência simbólica. Os participantes foram orientados a marcar as afirmativas que consideravam verdadeiras.

RESULTADOS E DISCUSSÃO



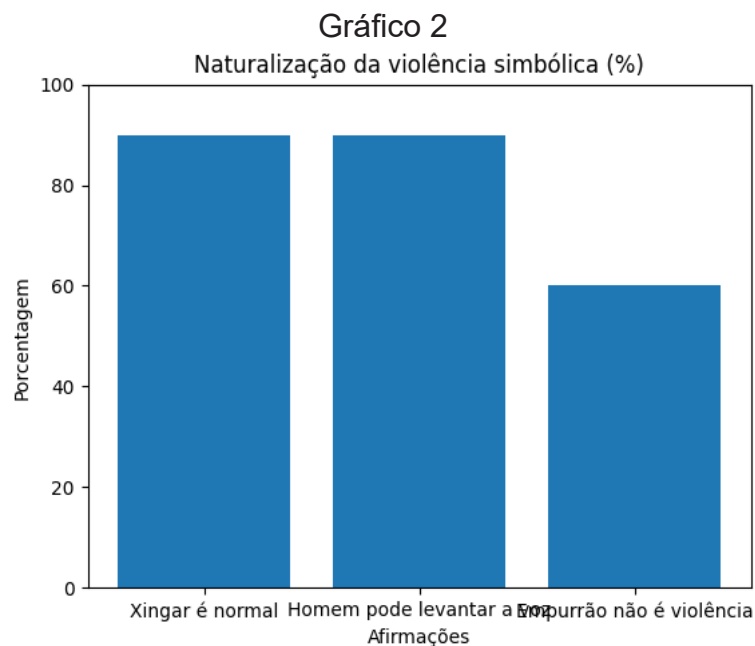
Observa-se elevada concordância com afirmações que atribuem responsabilidade à mulher em situações de violência:

90% (n=18) responderam “sim” para a afirmação de que a mulher provoca a agressão.

90% (n=18) responderam “sim” ao considerar que a mulher exagera ao denunciar situações de violência.

60% (n=12) responderam “sim” ao acreditar que mulheres permanecem em relações violentas por escolha.

Esses dados indicam uma forte tendência à culpabilização da vítima, revelando a internalização de discursos que deslocam a responsabilidade da violência para a mulher.



Os resultados também evidenciam a normalização de práticas associadas à violência simbólica e psicológica:

90% (n=18) responderam “sim” para a afirmação de que é normal xingar durante discussões. 90% (n=18) responderam “sim” ao afirmar que o homem pode levantar a voz para impor respeito.

60% (n=12) responderam “não” ao reconhecimento de empurrões como forma de violência.

Esses achados demonstram a banalização de comportamentos violentos no cotidiano das relações, especialmente aqueles que não deixam marcas físicas visíveis, mas que produzem impactos significativos no campo subjetivo.

Os resultados evidenciam a presença de estruturas simbólicas que sustentam a violência de gênero, especialmente por meio da culpabilização da vítima e da normalização de práticas agressivas.

A ideia de que a mulher provoca a agressão revela um mecanismo de legitimação da violência, que desloca a responsabilidade do agressor. Nesse sentido, a análise dialoga com Pierre Bourdieu, ao demonstrar que a violência simbólica opera justamente na sua invisibilidade e aceitação social.

A naturalização de práticas como xingamentos e elevação do tom de voz reforça a internalização de padrões patriarcais. Como afirma bell hooks: “A violência é frequentemente ensinada como parte da socialização masculina, sendo vista como uma forma de afirmar identidade e poder” (HOOKS, 2019, p. 102).

Além disso, a dificuldade em reconhecer determinadas práticas como violência pode estar relacionada à desvalorização da experiência feminina, conforme problematizado por Judith Butler, ao discutir quais vidas são consideradas dignas de proteção.

CONCLUSÃO

Conclui-se que os resultados encontrados evidenciam a permanência de estruturas simbólicas e culturais que contribuem para a naturalização e reprodução da violência de gênero. A elevada frequência de respostas que responsabilizam a mulher pela agressão, legitimam práticas de violência verbal e relativizam comportamentos agressivos demonstra que determinados padrões de dominação permanecem profundamente internalizados no imaginário social.

Os achados reforçam que a violência contra a mulher não se restringe à agressão física, mas envolve mecanismos mais sutis e frequentemente invisibilizados, como a violência psicológica e simbólica. Tais formas de violência tendem a ser normalizadas por processos históricos de socialização e pela reprodução de discursos que legitimam relações desiguais entre homens e mulheres.

A discussão desenvolvida a partir de Pierre Bourdieu permitiu compreender como a violência simbólica opera de maneira silenciosa e naturalizada, tornando determinados comportamentos socialmente aceitáveis. As contribuições de bell hooks possibilitaram ampliar a compreensão sobre a aprendizagem da violência como prática inserida em processos de construção das masculinidades, enquanto Judith Butler contribui ao problematizar quais vidas são reconhecidas socialmente como dignas de proteção e cuidado.

Dessa forma, torna-se evidente a necessidade de fortalecer estratégias educativas e ações de conscientização capazes de promover reflexão crítica sobre relações de gênero, desconstrução de padrões patriarcais e reconhecimento das múltiplas formas de violência. Espera-se que este estudo contribua para ampliar o debate sobre a importância de intervenções preventivas e educativas voltadas à promoção de relações mais igualitárias e ao enfrentamento da violência de gênero.

REFERÊNCIAS

- BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. 11. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.
- BRASIL. Lei nº 11.340, de 7 de agosto de 2006. Cria mecanismos para coibir a violência doméstica e familiar contra a mulher. Diário Oficial da União: Brasília, DF, 8 ago. 2006.
- BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. 18. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2019.
- FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. 42. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.
- HOOKS, bell. **O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras**. 28. ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Ventos, 2025.
- SAFFIOTI, Heleieth I. B. **Gênero, patriarcado, violência**. São Paulo: Expressão Popular, 2015.